

PROCESSOS FORMADORES DE IDENTIDADES: A FILOSOFIA, A DECOLONIALIDADE E A QUESTÃO DO SER MULHER

CAMILA ANDREIA GAUER^{1,2*}, THIAGO SOARES LEITE^{2,3}

1 Introdução

Para a realização dos objetivos desta pesquisa, foi necessário um estudo de conceitos apresentados no livro de Tomás de Aquino (1225-1274) intitulado *O ente e a essência*. A constituição de uma filosofia medieval baseada em pré-determinações estruturantes do indivíduo deu origem ao que se chamou de princípio de individuação. E se tratando da primeira parte da pesquisa, segue-se com uma perspectiva em contraponto à de Tomás, escrita por João Duns Scotus (1265/1266-1308) em *Ordinatio* II, d. 3, p. 1, qq. 1-6.

A vertente teórica em que Tomás se baseia é de origem aristotélica, e o filósofo se prende ao que foi solidificado como fundamento teórico de sua época, em que a individuação ocorreria por meio da matéria assinalada pelo acidente da quantidade. Assim, Tomás atribui à matéria o princípio de individuação. Não obstante, Duns Scotus, mesmo partindo também de pressupostos aristotélicos, propõe um princípio formal, rompendo, assim, com aquele modelo antigo. Atribuindo a responsabilidade a um princípio formal, defende que a individuação se dá positivamente e inerente ao indivíduo. Para tanto, é necessário caracterizar o princípio de individuação dos dois autores e identificar suas diferenças.

2 Objetivos

Os objetivos específicos para esta parte primeira do projeto são: realizar uma análise da concepção de identidade individual como princípio metafísico de individuação na obra *O ente e a essência*, de Tomás de Aquino e também fazer esta análise em *Ordinatio* II, d. 3, p. 1, qq. 1-6, de João Duns Scotus, de maneira que identifique suas características e suas principais diferenças.

¹ Titulação acadêmica Graduanda em Filosofia - Licenciatura, instituição UFFS, *campus* Erechim, contato: gauer_camila@outlook.com

² Grupo de Pesquisa: Epistemologia e Metafísica

³ Titulação acadêmica Doutor, instituição UFFS - *Campus* Erechim, **Orientador**.

3 Metodologia

A metodologia de pesquisa se dá através de análise bibliográfica, disponibilizada pela biblioteca da UFFS em parte, e também por textos fornecidos pelo professor orientador e revisão bibliográfica nos mecanismos de busca acadêmica na internet. Juntamente à leitura do material, foram realizadas discussões e debates sobre o conteúdo.

4 Resultados e Discussão

Iniciando o processo de análise dos textos, retornamos à conceituação de parte importante na metafísica de aristóteles, que trata de esmiuçar a chamada substância, que é parte ontológica de todo ente sensível, juntamente aos acidentes. Como predicamentos, os acidentes fazem parte do ente singular mas não de maneira imutável, pois não compõem o ente em sua definição, diferentemente da substância, que é fundamental pois, se não for, não é mais o mesmo ente.

Os dois autores estudados trabalham a partir de uma estrutura conhecida como árvore de Porfírio, que classifica, de maneira dualista, conceitos ontológicos desde a substância até o ser humano singularmente existente. Assim, podemos afirmar que a substância é constituída de dois elementos: a forma (essência que funciona como forma) e a matéria.

Forma é o fator que dá contorno e determinação à coisa ou ao sujeito, e a matéria é aquilo em que a forma se realiza, é a partir da matéria e da forma que os autores divergem. Nesta discussão, chega-se a questões como as que regem o conceito de universal, e, por conseguinte, a dúvida sobre o que nos faz ser diferentes mesmo sendo todos seres humanos, e o que nos faz conectados, universalmente, enquanto espécie.

Quando se analisa a constituição da árvore de Porfírio, podemos identificar a continuação da classificação metafísica da realidade, que apresenta nove acidentes principais, e o primeiro deles é o acidente da quantidade. É neste ponto que Tomás afirma que o princípio de individuação se dá através da matéria assinalada pelo acidente da quantidade, por ser de responsabilidade destes acidentes diferenciar os indivíduos. Para Tomás, o intelecto abstrai o que é universal ao elemento ontológico.

Por sua vez, a teoria de Duns Scotus atribui à razão formal a responsabilidade pela individuação, de maneira que algo positivo determine a matéria de um singular. Scotus afirma

que toda unidade pressupõe uma entidade. Consoante a isso, a unidade do singular (unidade numérica) também pressupõe uma entidade responsável por ela. Uma primeira candidata seria a natureza comum, pois ela responde a pergunta sobre a essência do ente. Contudo, em si, ela não pode ser numericamente uma para que seja indiferente ao singular e ao universal. É nesse sentido que se implica a relação de uma unidade real menor do que a numérica como atributo da natureza comum. Fica, portanto, evidente a necessidade de outra entidade determinante do singular, que se distinga da natureza comum apenas formalmente, e que seja a responsável pela unidade numérica do ente.

O indivíduo possui algo em comum com outros indivíduos, mas também algo que o difere de cada um. E é essa diferença individual que é a responsável por estabelecer a singularidade própria de cada indivíduo. Ela é uma entidade positiva responsável por contrair a natureza comum (ser quiditativo) na geração da individualidade.

5 Conclusão

É importante para a formação de novas pesquisas filosóficas, entendermos a estrutura utilizada, até então considerada mais apropriada neste contexto. No caso deste projeto, a análise do conceito de identidade de dois autores medievais e a divergência entre teorias, nos proporciona construir melhor a base para debates fomentados já na modernidade e contemporaneidade, com proposições novas e estruturas que rompem com a filosofia tradicional de outros períodos. Os escritos de Tomás de Aquino em *O ente e a essência* são fundamentados a partir do cânone aristotélico para formular sua concepção de identidade individual como princípio metafísico de individuação e acaba se tornando de suma importância para a filosofia medieval. Mesmo assim, surge a teoria de João Duns Scotus que, de maneira crítica, contrapõe estes escritos, e propõe alterações em partes estruturais na metafísica da individuação, o que demonstra exatamente como é importante conhecer os textos para então trabalhar em uma crítica e talvez fundamentar novos conceitos.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 45 p.

CEREZER, Cristiano. "O problema da individuação em Duns Scotus: uma introdução".

Thaumazein, Ano V, Número 11, Santa Maria (Julho de 2013), pp. 225-245. Disponível em <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/122/pdf> Acesso em 06/2023.

SCOTUS, João Duns. **Ordinatio** (II, d. 3, p. 1, qq. 1-7). Tradução de Thiago Soares Leite e disponibilizada para acesso pelo tradutor.

Palavras-chave: Princípio de Individuação; Tomás de Aquino; João Duns Scotus.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2022-0444

Financiamento: UFFS